

A GRINALDA.

VOL. I. N. 5.

JORNAL DOS DOMINGOS,

DOMINGO 20 DE AGOSTO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de perfumeio,
P'ra suavisar o trabalho,
A distracção e o recreio.

A GRINALDA Subscrive-se nas lojas de papel dos Srs.
Cardozo & Comp., rua do Ouvidor n.º 94; Passos na mesma
rua n.º 432; Teixeira & comp.º rua dos Ourives n.º 21,
a 25000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

MEMBRISA.

(ROMANCE)

POE

JOSE' ANTONIO DO VALLE.

Ella, tão sii, não podia existir sem
o amor de um poeta.

. V

O AMOR DE UM POETA.

Eram tres horas da tarde.

Brilhava o sol por cima dos vermelhos telhados da ci-
dade; e o sino do Convento de S. António clamava à oração
a comunidade dos religiosos de S. Francisco.

Era instante assentar-me na cadeira magistral, em que eu
tinha de explicar a scienza da verdade e do bem — a philo-
sophia — na linguagem de Socrates, modificada pela doutrina
de Jesus Christo. Somente nessa hora eu tinha um mo-
mento de sosiego, podia respirar livremente, enxugar as
lagrimas que diariamente vertia, mitigar as minhas afflições,

existir em sim, porque forç dali a minha existencia corria vaga e incerta como o batel sem remos e sem velas, em alto mar, ameaçado da tempestade.

Esperei em vão pelos meus discípulos. Nem um n'esse dia me apareceu.

— Os philosophos fizeram paréde, e cá não virão, hoje mais, disse comigo,

E sahi e dirigi-me ao *morrro do Castello*, para gozar a viração que nos entra da barra, ou junto ao telegrapho, ou perto do Convento dos barbadinhos. Involuntariamente achei-me, no sim de um quarto de hora, n'este ultimo lugar.

Missionarios Capuchinhos em um paiz catholico e civilizado! Entre nós, onde cadeiras de theologia e de direito canônico, si acham criadas e a muito tempo em exercicio! Em um paiz onde se acham excellentes pregadores, e padres sabios e consciós de seu ministerio! No Brasil, onde se não encontrão dessimipados os corruptos vicios e abominaveis ideias que formigão nos povos da Italia, e que tem d'elles feito rebanhos de escravos! Viriam, por desgraça nossa, esses frades ensinar-nos as doutrinas de Jesus Christo? á nós, cujo coração ainda se não poluiu na abnegação dos principios de nossos pais? á nós, que invocamos todos os dias o santo nome de Deos, sem profanar-o com labios hypocritas, e sem cobrir o nosso corpo com grosso burel, para nos entregarmos ao deleite á custa de grossas esmolas que a ignorancia incredula lhes cede? Não podemos deixar de notar o desaire que cabe á nossa terra de um facto tão revoltante e tão contrario à illustração, que temos e que nos tem assignado um grande nome na lista das nações; e ainda mais de perguntar o porque de seu consentimento pelo nosso governo. Si os taes *especuladores* missionarios tivessem sede e avidez do martyrio, como parecem inculcar, não era razoável que fossem pregar a palavra de Deos, entre os idolatras e onde as riquezas de ouro lhes não acenasse? Missionar em uma cidadela christã, recostados nos leitos de um palacio, á pouco tempo construido em um dos sitios mais aprasiveis de uma das mais ricas e lindas Capitaes da America, é sem dúvida um recomendavel serviço á doutrina do *Homem, Deos* que humilde nasceu em um presepe, e andou vagando de monte em monte na pobre e miseravel Judéa, até subir á cruz soffrendo os mais vis ultrajes e affrontas para remir os soberbos da terra e todo o genero humano, que então se achava imergido no lodaçal da impostura dos falsos

prophetas. Missionar em uma cidade Christã, nós o repetimos, oppulenta e de agradável communidade, é um lindo missionar e que deve ser muito grato aos olhos do ser Omniscente! E ajuntemos para completar o nosso quadro: o povo que recebe essa missão é um dos mais piedosos da terra, o que sabe melhor cumprir os seus deveres religiosos! Eu o tenho visto curvado nos templos, cheio de unção religiosa, e contente sempre nos dias em que se festejam à gloria e o nome do Deos de nossos paes.

Estas reflexões cahiam de minha alma descuidosa sobre os meus labios tambem descuidados. Mas repentinamente lembrei-me do meu anjo, da minha Imerisa.

—Imerisa! mulher cruel! amei-te como te podia amar, e tu me assassinaste, porque eu não existo mais em mim, sou um morto ambulante, a quem fagiu o sentimento de sua existencia! . . .

—E no entanto ella ainda vos ama! exclamou uma voz forte interrompendo as minhas palavras.

Olhei surprehendido para o lado d'onde me vinha a voz, e vi o frade que eu ja conhecia. Havia muito que eu deixara de visitar-o—desde que lhe havia cumprido a minha promessa. Praticando um sacrificio horroroso, isto é, fazendo feliz e entregando aos braços de sua amante o homem que eu considerava como meu rival, tinha-me resguardado a viver alheio á todas as sortes de prazeres, e a renunciar a esperança da posse da alma o meu unico bem; e por isso não tinha querido o premio de um serviço que julgava credor de recompensas superiores á todas qualitas se podessom imaginar na terra. Eu não tinha querido, que, ou o frade ou a minha doente incognita, me restituisssem a minha Imerisa. Senti, em razão disto, uma repugnancia notavel com esta visão inesperada.

—Meu reverendo! disse eu com voz fria.

—Pensaveis que não vos procuraria para dar-vos o que vos toca? *O que é de Deos à Deos; e o que é de Cézar à Cézar,* dizia Jesus Christo. E ainda mais; não recommendou o divino Mestre a fraternidade aos seus irmãos pecadóres? *In fraterno sunt Christianas gentes.* Imerisa é vossa! e é vossa, porque uma promessa nos une, e vol-a devemos, e é vossa porque ella o quer ser! . . .

—Imerisa minha! seria impossivel! eu a renuncio!

—Meu irmão! disse-me elle tristemente mostrando no rosto uma incredulidade viva. Zombais de mim, sem duvidar é porque tardei muito em procurar-vos.

— A qualquer hora vinheis sempre cedo. Imerisa não pôde ser minha... ella sorriu para outro... ella teve um pensamento que não era eu... um prazer que não era eu... e devais saber, que en-sou exclusivista em matérias desta natureza.

— Ella não ama a outrem!

— Talvez, meu padre! dispensai-me de dizer mais uma só palavra.

— Em nome do céo! eu vos conjuro que me digais tudo.

— Tudo?... Imerisa não deve ser minha!... um fado negro, como uma noite horrivel, medonha, de tempestade da minha terra... um anjo tenebroso do inferno!...

— Abreunntio!

— Umento abominavel que eu sacara da solidão, que lha, restituia ao seio da felicidade, despedaçou, rompeu, destruiu para sempre os laços que me ligavam á Imerisa...

— Injusto! pela minha salvação vos afirmo que ninguem rompeu, nem destruiu tão puros laços...

— Zombais de mim! aumentais a intensidade dos meus sofrimentos querendo illudir-me ou desculpar a perversidade dos outros.

— Bem me custará á trazer-vos ao caminho do senhor, mas escutai-me, é a minha missão e cumpre que eu a satisfaça. A quem atribuis que o amor de Imerisa se dirige em preferencia ao que vos havia voltado.

— Eu me calo!

— E eu de novo insisto! dizei-me o seu nome!

— Meu padre...

— Não vos deixarei sem que m'o digas! Um acto vosso chamou á minha atenção, e o meu reconhecimento, e desde esse dia em que o praticastes a minha vida inteira vos pertence; não vos deixarei, torno a assegurar-vos, sem que veja renascer a confiança que justamente tinheis em um anjo do céo.

— O amante.

— Sois vós o unico; ella vos adora, como si adorasse á Deos.

— O amante da minha docente... elle sorriu para ella... e ella também sorriu... e esse sorriso revelava uma inteligencia infernal... o inferno mesmo... todo a arder em minha alma... como si aos precitos fosse dado o ressurgir desse lugar horrifico e um banquete de sangue e de lágrimas os atrahisse em conjugal disturbio... era assim a

minha alma no momento em que vi... tudo... parecia que ella assistia à essa festa do averno...

— Irmão! não vos entendo: um olhar de intelligencia? entre quem?

— Entre Imerisa e o amante da minha doente incognita.

— Meu Deus! exclamou o frade elevando as mãos juntas para o céo; mandai a luz do espirito divino sobre a sua mente perturbada; aclarai-o, e a verdade lhe seja dita pela minha boca. Inclinai as vossas orelhas à voz de um ministro do Senhor.

— Estou sceptico como esses loucos gregos que oravam pelas esquinas e praças da pueril Athenas, e que não queriam acreditar que fallavam e que o povo os ouvia.

— Deixai-vos disto. *Tempora mutanda et nos mutamur in illis.* Os gregos lá se foram, e o scepticismo cahio assim como houve cahir todo o turbilhão de erros dos homens diante da verdade de Deos, pregada pelos apostolos de Jesus Christo. *Veritas Dei ab eterno tempore manat.* Inclinai as vossas orelhas às palavras de um servo de Deos, e ouvi as verdades eternas.

— Fallai, meu padre.

— O homem prevêido, e com a alma cheia das coisas do mundo, bem mal pode julgar das acções dos outros. O conhecimento das intenções só é dado a aquele que nos creou e pode de um momento para outro reduzir-nos ao nada. Uma apparencia engana, como uma pequena luz levantada no cimo de uma ermida-sinha edificada sobre um môrro, lá bem ao longe em noite escura ameaçada de tempestade; por mais que caminhemos, sempre a distancia, que d'ella nos separa, nos parece a mesma.

— Eu sim...

— Julgastes erradamente. Imerisa, a quem hoje conheço, é um coto puro, fiel, e digno da singeleza da vossa alma. Sois injusto; deveis uma reparação á sua virtude.

— Eu tudo vi...

— Foi sem duvida o demônio, que vos tentou a acreditar em uma ideia má. Meu filho, é arduo o caminho que nos leva á felicidade e ao nosso fim, mas importa-nos sómente dar os primeiros passos para elle. Deos nos ajuda depois e nos guia mesmo pela mão com carinhoso e paternal sorriso. E' mister, porém, para que esse passo seja bem dado, que afastemos os entraves dos nossos odios e prevenções com o proximo, que lavemos nossa alma da impureza dos falsos juizos, que sejamos bons, prudentes, e compassivos.

—Eu consumei um sacrifício, e o segundo — o de esquecer-a — lutarei para poder executá-lo; terei então expurgado o meu coração do predominio das paixões, e caminharéi para a felicidade.

—Todos os dias, todas às horas, todos os instantes, uma voz vos gritará internamente — *injusto!* — será a voz do remorso.

—A minha consciencia de nada me acusa...

—Pois bem: ate a manhã; esta noite o vosso anjo da guarda vos sussitará sonhos horriveis; gritareis e me não achareis então, porque estarei dormindo em minha cella, ou velarei à cabeceira de um moribundo.

Um tremor convulsivo apareceu em meus músculos, e um frio, rapido como a matéria eléctrica, comecou a correr pelo interior dos meus ossos. Minha mão creou-me contando-me legendas, e mil contos de almas do outro mundo; eu tenho medo de sonhos maus, e ainda penso que me seria impossivel dormir sozinho em uma dessas casas, que a voz do povo denomina *assombradas*; morreria si n'ellas ouvisse um gemido, talvez mesmo um ruido qualquer. A nossa imaginação é tão fértil de enganos, tão caprichosa em figurar-nos aquillo que tememos! Eu estava tão fraco, á dias que meu alimento diário era tres ou quatro chicarras de casse, e tão perturbada andava a minha mente, que eu acreditei logo que sofreria aquella noite.

—Meu padre, tendes a prova da innocencia de Imerisa?

—Tenho: é a sua virtude. Tão angelica como os seraphins...

—Basta. E o seu sorriso?

—Era o sorriso da beneficencia. Elle la vem, de tudo vos informará.

E com esse efeito o moço que eu arrancara da solidão da gruta da praia pequena da Jurujuba subia pelo trilho que se vê junto ao deposito da polvora, e para nós se dirigia. Eu não quereria vê-lo, mas n'essa occasião o frade me tinha despertado uma ideia que muito me interessava. A pezar de meus arrufos com Imerisa desejava bem achal-a innocente! — era para mim uma curiosidade fagucira, que me lisonjeava, e que como nem uma outra mèrccia o sacrifício de satisfazol-a.

—Nós nos comprimentámos como si mutuamente anciósos nos procurassemos.

—E a prova? exclamei eu dirigindo-me ao recém-chegado.

O frade lançou um olhar de intelligencia ao moço, e elle procurando-me apertar a mão, disse:

— Como fostes injusto! mal poderia eu prever que alegrando-me ao ver a benfeitora da minha mãe, vos cauzasse tamanha dor, e mesmo uma separação tão desastrosa entre duas alma que...

— A benfeitora de vossa mãe? contai-me...

— Tudo, senhor! Sou hoje tão feliz! E bem sabeis, que tudo vos devo...

— Contai-me, por piedade...

— Nós fomos morar junto á casa de D. Inerisa, e poucos dias depois de nossa estada ahi, eu e meu pao fizemos uma viagem á Petropolis, deixando ao cuidado de uma escrava, minha mãe ja alcançada em annos. Em nossa ausencia a escrava fiel fugiu, e deixou minha mãe enferma e mais afflictá de dia em dia por se ver desolada. Deos porem que em todas as occasiões de afflições nos manda sempre allívio, enviou-lhe então um anjo...

— Foi Inerisa! exclamou o frade entusiasmado.

— Ella não deixou um instante a sua protegida, continuou o moço: o medico, os medicamentos, e mais que tudo, os cuidados de uma filha dedicada, nada lhe falton— ella foi a sua enfermeira, e d'ali por diante a sua amiga. Quando chegamos, meu pao choreu de reconhecimento e de alegria — e eu tambem chorei confundido por ver tanta piedade em quem não conhecíamos. Tentamos pagar as despesas do medico, e da botica:— tudo estava pago antes; respondeu-nos que nada devíamos. Alegres e felizes pela sua piedade, choramos o pranto do reconhecido, e ella vendo-nos deixou sós.

— Não quis o reconhecimento, disse o frade, como esses vaidosos do mundo, que fazem benefícios à troco de louvores.

— Passa um-só mezes, continuou o moço; e minha mãe cahio de novo-doente. Nós tornámos a vél-a, a nossa protectora, na cabeceira do leito de minha mãe, tão sollicita, tão cheia de cuidados; o o restabelecimento da saúde appareceu, como por encanto, debaixo de seus olhos. Apenas minha mãe ficou bôa, ella nos não visitou mais.

— Era como a estrella da beneficencia! bradou o frade.

— Veio a epidemia da escarlatina, um mez depois; e eu e meu pao cahimos affectados da terrivel molestia. Minha mãe felizmente estive bôa e cuidou de nós, mas teve uma companheira...

— Era sem dúvida Imerisa! a mulher divina, disse o frade, elevando os olhos para o céo.

— E nós, durante o tempo de nossa molestia, não recebemos dinheiro, — os nossos amigos nos não visitaram, não tivemos quem nos cobrasse os nossos ordenados, mas nada nos faltou... Como o anjo do bem, aquela virgem aparecia-nos só nos momentos da dor, para trazer-nos tentivos celestes; como mensageira da felicidade ella espalhava sobre nós os inapreciáveis dons do céo, e nos deixava quando eramos felizes. E sempre nos vedava o prazer do reconhecimento! Havia bem mezes que a não via, quando passei convosco por sua caza e meus olhos tiveram a fortuna de encontrá-la; era bem natural que me alegrasse ao vê-la.

— Ella sorriu-se, não é verdade? perguntei-lhe eu.

— Talvez; mas eu não me lembro disso, disse o moço com expressão ingenua; estimaria tanto que ella se sorrisse para mim!

— Era o sorriso de um anjo! exclamou ainda o frade.

Estas últimas palavras disserão tantas cousas á minha alma! Revoltei-me contra mim mesmo! Si era verdade, como ja me dispunha acreditar, a innocencia da minha linda flor do paraíso, porque não tinha eu gosado os dulcificos aromas de suas petalas, porque não tinha eu gosado o nectar de seu calix verde-sinhal, e me embriagado com elle? Mas eu me lembrei ao mesmo tempo do seu cruel desprezo, do desprezo que me deixara só no mundo, e sem existencia.

— Cruel injustiça! deixou-me só na minha solidão.

— E a não desprezaste também? perguntou-me o frade; não a tens feito derramar as lagrimas do amor e da saudade?

— Ella chora? perguntei eu ansioso; ella tem saudades de mim?

— Chora por vós, continuou o frade, ardendo em mudo arrependimento desde que soube, desde que lhe eu contei que a moça da igreja vos devia a felicidade de que goza hoje. Narrou-me as vossas virtudes entusiasmada, e derramando copioso pranto: Ainda hontem avia; temi tanto pelo seu estado! e ainda hoje temo! si soubesseis!...

— Não prosegui, meu padre; eu queria vel-a; si fosse eu a causa de seus males! si ella chorasse por mim somente! mas alegra-se tantas vezes ao lado dos outros; tantas vezes se esquece de mim!

— Só se distrahe quando faz bem, disse o moço.

— A sua piedade!... exclamou o frade.

— Vamos; eu quero vél-a sem demora, disse eu caminhando apressado e tomando pela ladeira do Seminário. Elles me seguiram.

Quando chegámos á casa de Imerisa estava dando oito horas na torre da Igreja de S. Francisco de Paula.

Entramos: nós somos conduzidos á sala de visitas, onde ella se achava, sentada e recostada no piano, chorando... Eu não sei o que fiz então; mas lembra-me ainda hoje bem, que ella me deu um juramento, e sei que ella guarda outro que me disso ter-lhe eu dado n'esse instante.

O momento do encontro, da reconciliação, o momento em que uma nova vida reappareceu para mim, tão linda, tão cheia de galas como uma aurora, uma manhã da nossa terra, é hoje festejado em nossa casa com summa e extraordinaria alegria. O nesso amor, perfeito e dírável como a perpetua, a flor que emblema a duração do homem, não tem sido ate hoje perturbado nem profanado por mesquinhas considerações da terra.

Vivemos tão felizes!

O seu amor é uma rozinha, de calix verde significando a esperança do céo, de petalas rubra-zinhas como o fogo da alampada que allumia o sacrario do templo do Senhor, de estames contendo um polen deuriado como as azas dos vaporosos mensageiros dos decretos divinos, de ovarios irmãos vivendo em coníum no fundo das paredes do calix como os Serafins vivem sempiternamente no Empyreo descansando no seio de Deos.

O seu amor! — é o amor de um anjo!

O meu amor é todo chamma, é como o volcão de Cotopaxi, ardendo em fogo e labaredas, e deramando lavas inflamadas! É a unica paixao que me devora, que me consome e que absorve toda a minha vida. O ciúme é acompanha e torna-nie ás vezes insuportavel á mim mesmo. Conheço mil vezes que Imerisa é minha só minha... e no entanto temo a cada instante por ella; cada gesto seu, cada palavra, e em sim cada uni seu aceno é para mim motivo de horriveis sofrimentos. O meu amor quer que Imerisa deixe de ter um ser distinto de mim, para tornar-se eu mesmo; mas ainda assim quem sabe?...

O meu amor é — o amor de um poeta.

VAI A QUEM TOCA.

—Porque a certo poeta
Chamáraõ namorador?..

—Porque n'uns versos que fez
Se encontra a palavra—amor.—

—Mas não é isso razão,
Acude *Frei justiceiro*,
Pode-se fallar em ferro
Sem com tudo ser ferreiro.

E que tal, minha senhora?.. não acha razão no tal homem de justiça?.. V. S. que é toda penetração, que tem tanta perspicacia, que advinha o caracter de cada qual pelos seus mais simples escriptos?.....

B. J. B.

CARTA

A^r Illm. Sra. D. Marucas da Restinga

Meus profundos respeitos á V. S. cordialmente envio.

E' onsadia, eu conheço, passar ás mãos de V. S. as minhas letras; mas permitta-me que assim o faça em abono do meu credito.

Criticou-me a minha filha, a dilecta e prezada do meu coração; — a minha filhinha que amamentei tão cuidadoso em horas de amarguras. Quando eu, em outra terra que não era a minha, chorava asse'ições da patria, e procurava alguma couza que me fosse cara, lembrei-me de produzir a minha filha; dei-lhe um berço-sininho de rozas no meu peito, e embalei-a com o sopro da minha alma; ella sorriu-se para mim, e eu me surri para ella. Tão pequenina, tão linda como ella mesma, era todo o meu existir; viveu comigo, chamando-me sempre de pae, horas bem felizes; e eu sem outro cuidar, vivi com ella um tempo tão curto! Veio porém uma noite de tempestade: eu as vezes amo o horrivel! esqueci-me d'ella — um só momento — e ella desfinhou — morreu, na minha ausencia; ao lembrar-me,, e ao vê-la assim, chorei tão

triste — e o meu pranto cahio sobre ella, e ella se moutou em uma flor tão linda!

Acha razão em critical-a? minha senhora.

Eu não sabia que nome lhe bayia de dar! chamo-a V. S. — festao de malme-queres pallidos — e eu ainda assim gosto d'ella! — é a minha filhinha! —

Onde havia collocal-a? no cemiterio? não tive animo para isso. Colloquei-a n'uma — Grinalda —. Talvez fosse esse todo o meu erro; e si o foi porque me não desculpou V. S.?

Os Paes amão tanto á seus filhos, querem-lhes tanto bem!

Imerisa — é um festão de malme-queres pallidos, mas eu confesso que sua mãe é a virtude. Aborreço tanto a vaidade!

Não bastava ao meu coração o sentir a dôr de sua filhinha, veio ainda um amargo pesar jontar-se-lhe impiedoso.

Eu tenho um filho, já adulto, que muita gente conhece: — é o *Corsario*, cujo nome espanta, mas de uma indole que não é para se desprezar. Coitadinho dellè! Foi vitima dos caprichos do V. S. Si o conhecesse, si fallasse com elle, havia de mudar de opinião! E' tão natural, e bem diverso do que V. S. d'elle pensa!

E' fado meu soffrer pelos meus filhos; e é tão justo soffrer que não me quero queixar.

Estimo os escriptos de V. S. e é cheio de prazer que a vejo advogar os direitos de seu sexo — do mais amavel dos sexos. Folgara de o ver em sua verdadeira posição, illustrado, e partilhando commosco os gozos que em parte lhe devemos. Si me julgar capaz de cooperar para tão grande obra, conte commigo.

E' com a maior honra que me assigno.

De V. S. — humilde credo.

José Antonio de Valle.

O AMOR.

1.

E' impossivel viver,
 Isento do Deos vendado,
 Da vida o agro cuidado
 Faz amor apetecer ;
 Não gozar os seus encantos
Fôra melhor não viver.

2.

Quem possue um coração
 Capaz de Dêos adorar,
 Oh ! forçosamente um anjo
 Neste mundo deve amar ;
 Não fazel-o, e não viver,
 E' feneceer, desinhar.

3.

Procuramos sobre a terra
 O bem que nem sempre dura,
 Num amisade sincera
 Se cifra toda a ventura ;
 Que mais quer quem tem de seu
 Amor, caricias, ternura?

4.

Não invejo altas riquezas
 Que á ambição corróe devora,
 Eu gozo meigos affagos
 Em quanto ella ao fado implora,
 E se eu me creio feliz,
 Sua sorte ella deplora.

5.

Diga, o misero avarento,
 De que lhe serve a riqueza ?
 Amor, doçura, amisade
 Eis do mundo a realeza,
 Para gozar estes bens
 Autes viver na pobreza.

6.

E' difícil encontrar
Sacro-santo e puro amor,
Mas aquelle que o achar
E guardal-o com fervor,
Pois as venturas do mundo
Se cifrao todas no amor

B. J. B.

O RETRATO DE MARILIA:

Nada se pode igualar
A tão grande formozura;
Seu lindo corpo bem feito
Tem delicada cintura.

De sua esbelta cabeça
Calvo lindo cabello louro,
Sobre seus hombros tão alvos
Parecem fios de ouro.

Sens lindos olhos azues
Brilhao na testa elegante,
Como brilha sobre o ouro
O mais rico diamante.

As bellas faces redondas
Tem bonita côr de roza,
Sua bocca he pequenina
Porem bem feita e mimoza.

Entre dois formozos beiços
Se ve dentes delicados
Mais claros do que a neve,
Bonitos, e engracados.

A sua voz he tão doce
Que me recreia e encanta,
De tão meiga e tão suave
Quem de ouvia não s'espanta?

De seus hombros d'alabastro
Pendem braços torneados
Onde amor achar de ja
O premio dos meus cuidados.

Suas mãos tão delicadas
Com seus dedinhos mimozos
Hão de tornar-me algum dia
Um dos mortaes mais ditosos.

Todo o resto do seu corpo
He da mesma perfeição,
E me faz nutrir no peito
A mais ardente paixão.

Compassiva ao meu amor
Debalde intento faze-la!
Quero ganhar-lhe a afseição
Mas não posso merecer-a.

Maia.

—ESCRIPTO CURIOSO.—

Para que uma Senhora seja perfeita em belleza deve possuir as trinta qualidades seguintes, a saber: Trez coisas brancas: a pelle, os dentes e as mãos. Trez pretas: os olhos, as pestanas, e as sobrancelhas. Trez vermelhas: os beiços, as faces, e as unhas. Trez longas: o corpo, as mãos, e os cabellos. Trez curtas: os dentes, as orelhas, e os pés. Trez largas: o peito, a testa, e as palpebras dos olhos. Trez estreitas: a boca, a cintura, e a planta do pé. Trez grossas: os braços, as nadegas, e a barriga das pernas. Trez finas: os dedos, os cabellos, e os beiços. Trez pequenas: os seios, o nariz, e a cabeça.

ANECDOTAS.

Um homem estando doente fez-se-lhe junta, e o assistente disse-lhe: « Para nós conhecer-mos o estado do seu pulmão veja se dá um assubijo. » Isso é o que voces todos merecem, respondeu o doente.

Achando-se gravemente enfermo um homem de consideração, veio o seu confessor, a quem elle consternado disse: Se Deus me quizesse dar vida até eu pagar as minhas dívidas, que consolação não seria a minha, meu Padre! O confessor enternecido respondeu-lhe para o animar: é natural que Ele vos prolongue a vida para um tão Santo fim. O doente então, como respirando exclamou: Ah, meu Padre se isto é assim, eu creio que vou ser imortal.

Quando Elrei D. João VI chegou ao Rio de Janeiro, o primeiro ministro do Reino sendo visitado por um Official militar de alta graduação:

—D'onde vindes? lhe perguntou.
—Da Capitania de Minas Geraes, respondeu o Official.
—Quantos dias de viagem trouxe o navio em que viestes?

O Official riu-se, e o ministro ensiou, de tal modo que foi preciso que aquelle lhe declarasse que Minas era uma Capitania central do Brazil.

Uma senhora que se presumia muito de seus conhecimentos vastos em geographia, e que era tida por insigne modista, sendo consultada no *Salão da Floresta*, por algumas jovens suas companheiras, onde se deveriam mandar buscar os mais bellos figurinos, respondeu:

—Nas províncias não! porque nós as brasileiras é que somos as mestras das provincianas.

CHARADAS.

1.

Aquelle a quem eu devo esta existencia
Ja os fados tyraninos me roubarão —
Os homens neste... o sepultarão
Sem temerem dos vermes a inclemencia —

Mal sabia, meu bem, o que era amor
Antes de apreciar o teu semblante,
E possuindo um coração amante
Jamais eu desfructei esse sabor;

Accesso agora em fogo abrasador
 Arde este peito meu a todo o instante
 Faz-me esta chamma louco... delirante,
 Esta chamma que só explica—amor—

Oh casto coração, oh alma nobre,
 E's para mim, que nunca me desdigo
 A mais bella das bellas que o Céo cobre!

E's um Anjo, meu bem, em te bendigo
 E encarando a modestia que te encobre
Nada se pode comparar contigo!

2.

Sem mim ninguém puderia
 Neste Mundo aparecer—1
 Pois quanto nelle se gera
 Tudo em mim faço conter—1

Tiro aquéllo aonde estou
 A vontade de comer,
 Até faço algumas vezes,
 Criaturas perecer.

3.

Dobraça dá-se as creanças—1
 Esta às creanças se dá—2

Igual á creança está.

Explicação das Charadas do n.º 4.—1.º Semente—2.º Leria.

O Editor pede desculpa pela demora da folha, e juntamente partecipa aos Srs. assignantes que não sahirá no proximo Domingo.